



A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DOS CORPOS NO ENTREMEIO DA INSURREIÇÃO TRANSGÊNERA E DO ASSUJEITAMENTO CISGÊNERO

Anderson Lins Rodrigues ¹
Evandra Grigoletto ²

RESUMO

Desnaturalizadas pela sua inscrição no político-ideológico, as feições do corpo se tornam signos corpóreo-discursivos. A sobancelha arqueada, o rosto afilado, as mãos delicadas ou fortes, os contornos do quadril, da silhueta, em suma, no deparar com corpo, busca-se/constrói-se, numa retomada à memória do visível, uma arquitetura (in)coerente, (des)harmônica com o gênero. Essa (in)conformação anatômica de gênero golpeia o nosso olhar e, nesse mesmo gesto, sinaliza para os sentidos de masculinidades e feminilidades. Ao tomar como ponto de partida essas reflexões sobre a arquitetura ou engenharia social e discursiva do corpo, discuto, nesse trabalho, como a materialidade corpórea é indissociável dos olhares que o perscrutam e que o dizem, de modo que sempre já há sentido no corpo, pois só o interpretamos pelo/no atravessamento entre a língua e o discurso. Mais que isso, nele/sobre ele incide um regime de sentidos da ordem do visível que determina um arranjo complexo de campos de legibilidade e inteligibilidade. Em razão disso, tenho interesse em problematizar a significação do corpo pelo/no tensionamento entre sentidos trans³ e cisgêneros. Na tentativa de viabilizar tais reflexões, convoco a teoria do discurso, centrada, dentre outros, nas ideias de Pêcheux (1975, 1983) e Foucault ([1969] 1999), e, ainda, me utilizo da noção de performatividade, a partir das ponderações de Judith Butler (2006). Alguns resultados dessa investigação dão conta de que o discurso sobre o corpo funciona pela confluência de sentidos trans e cisgêneros, que legitimam o corpo, de modo a performatizar masculinidades e feminilidades.

Palavras-chave: Corpos transgêneros, Cisgeneridade, Transgeneridade, Discurso, Performatização.

1. UM EFEITO DE INÍCIO...

Mais um ponto de vista para pensar a transgeneridade – é o que me move ao longo de alguns anos, quando ainda não havia sequer me dado conta de que essa inquietação, ao ver “corpos dissidentes”, poderia ser elaborada, problematizada na academia.

Ao tratar de corpos e de diferentes pontos de vista, recordo do belíssimo poema *Ventana sobre el cuerpo*, do livro *Las palabras andantes*, de Eduardo Galeano (1993), que me

¹ Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Contato: anderson_lins10@hotmail.com

² Orientadora. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada I da UFPE.

³ Uso, por vezes, como abreviatura de transgênero/a(s), transgeneridade.



foi apresentado por Ferreira Cassana (2016, p. 09) em sua tese de Doutorado: “*La Iglesia dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice: El cuerpo es una máquina. La publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy una fiesta*”.

A autora, logo depois de disponibilizar o poema, esclarece como o corpo pode ser visto por prismas distintos, sempre determinados ideologicamente, e, por essa razão, as palavras que o dizem são andantes, suas significações são moventes e muitos são os saberes que tentam defini-lo.

A disputa pelos sentidos que o constituem perfazem diversas ciências, conforme esclarece Paixão (2015, p. 109): “da biologia à antropologia, da medicina à física, da estética a robótica [...], longe da obviedade que o determinaria, o corpo se nos apresenta como um ilustre (des)conhecido”. Do exposto, acredito que o corpo, por ser historicamente constituído, é um objeto inter/transdisciplinar, fato que o coloca na emergência da pluralidade de sentidos.

Tomei por empréstimo essa reflexão por acreditar que o corpo é um ponto de partida possível para discutir a transgeneridade, as identificações de sujeitos transgêneros com os sentidos de masculinidades / feminilidades, como também o cerco de determinadas representações de gênero que pretendem encerrar, nessa base material, as determinações sobre o que é homem e o que é mulher.

Com vistas a que melhor acompanhe o meu raciocínio, vale a explicação: estou entendendo por transgênero os sujeitos que se identificam e performatizam, pelos/nos seus corpos, expressões de gênero que “destoam” dos sentidos ideologicamente convencionados para quem foi determinado como homem ou mulher, pelo fato de ter nascido em um corpo de macho (pênis) ou de fêmea (vagina).

Ao trazer esse entendimento sobre o termo transgênero, creio ser necessário também apresentar uma breve explicação sobre a noção de cisgênero como outra possibilidade de subjetivação pelo/com o gênero. Diz respeito à cisgeneridade, as performatizações de gênero (comportamentos e atitudes também manifestos pelo/no corpo) que estão em “concordância” com as normas sócio ideológicas estabilizadas para quem foi designado homem ou mulher, em função do genital com que nasceu: pênis/macho/homem, vagina/fêmea/mulher.

Em sendo assim, cisgeneridade se distingue de transgeneridade, *grosso modo*, justamente pelo fato de que as performatizações de gênero de sujeitos transgêneros podem (des)estabilizar os sentidos para quem foi assinalado, em razão do sexo biológico, como “pertencente” ao masculino ou ao feminino.

Essa problematização sobre as identificações cis e trans, uma em relação à outra, é relevante para a discussão que faremos sobre o funcionamento discursivo da palavra cisgeneridade, ao designar as experiências subjetivas alinhadas às expectativas sociais de gênero - genitália. Observe que, além de marcar uma relação de diferença/desigualdade com a transgeneridade, também acrescenta outras perspectivas de abordagens e análises para compreensão das relações entre gêneros, uma vez que inscreve, nesse processo, a alteridade com as experiências de transgeneridade.

Pensado sobre esse ponto de vista, o corpo é uma materialidade significativa onde se alojam sentidos, pelos quais os sujeitos performatizam o gênero, ao passo que se identificam com os significantes socialmente estabilizados de homem / mulher. Em função dessas ponderações, veja que é possível pensar a ordem do corpo articulada à ordem do discursivo. Faço essa defesa, com Milanez (2011, p. 198-199), por entendermos que o corpo, numa visada político-ideológica, apresenta alguns elementos que o inserem no lugar do linguístico, pois

a) ele é o meio pelo qual se materializa o sujeito que somos; b) serve sem cessar à produção dos sentidos; c) é um território de movências e modificações; d) peça de uma identidade pessoal que se escolhe, se transforma, se constrói. Esses elementos compõem o quadro do corpo encarado como uma aventura do sujeito em torno e em direção a si mesmo na medida em que vai tomando conhecimento do mundo que o cerca, o limita e o faz avançar em torno das lutas de si para consigo.

A partir dessas ideias, proponho que corpo, sujeito e sentidos de gênero emergem como objetos intercambiáveis e intrincados em seus processos de constituição na ordem da ideologia e da espessura histórica. Estamos, pois, diante de um prodigioso entrecruzamento, um nó repleto de fios corpóreos e discursivos, em que corpo e sujeito se atam, se pressupõem e se insinuam reciprocamente, forjando uma política discursiva do visível, que converge para a similaridade e correspondência entre sujeito, gênero e invólucro.

Essa materialidade viva, que nasce, que encapa e constitui os sujeitos, não é, de maneira alguma, estática; ao contrário, (se) move e materializa sentidos à medida que tensiona a relação entre assujeitar/resistir aos discursos normatizadores de gênero (cisnormatividade). É, portanto, nesse lugar contraditório de bifurcações e trilhas entre sujeito, corpo e gênero que as subjetividades vão se construindo. O sujeito, assim, é *ele-mesmo* enredado a essa superfície de sentidos que se modela sobre ele, constituindo-o, sendo-lhe suporte, encarnando-o na sociedade. Do entrelaçamento entre sujeito e corpo, o processo de subjetivação de homens e

mulheres é um lugar ao possível dos sentidos, espaço para múltiplas materialidades, território onde o gênero se aporta no encontro do físico e do discursivo.

Para melhor desenvolver a ideia de uma (im)possível confluência de sentidos cis e transgêneros na/pela constituição do corpo, tomo como ponto de partida algumas ponderações suscitadas por Pêcheux, que, em razão de seu prematuro desaparecimento, não teve tempo suficiente para aprofundar a questão da espessura discursiva do corpo. Contudo, ao se aproximar das ideias foucaultianas, abriu veredas para a posterior inserção desse objeto nos estudos da teoria por ele pensada.

Faço essas considerações tendo por base as ideias de Kogawa (2015), que dão conta de que a aproximação com Foucault, em certa medida, exerceu deslocamentos teóricos e novas problemáticas sobre o conceito de ideologia. Estou me referindo a um possível reposicionamento desse conceito graças à inserção da noção de formação discursiva e, com ela, a noção de ideologia não só como instância de reproduções de forças de um poder exercido a partir de um lugar específico e “acima” (o Estado, a classe dominante), mas como *espaço de resistências multiformes*.

[...] Há necessidade de discutir a mudança pela forma como – de Nietzsche até Freud, de Wittgenstein até Foucault – as estruturas ideológicas da racionalidade começaram. Deve-se questionar essa fragilidade do pensamento, que não vem “de cima”, na consciência das “elites intelectuais”, que acredita se dirigir ao privilégio das proposições (conceituais, claras e distintas), mas sim, “de baixo” de atos incontáveis, contraditórios, que encontram sua vida (voie) e sua voz (voix) nos campos intermediários... Uma roda de diferentes matérias brutas ideológicas do cotidiano, que podem trazer à tona diferentes acontecimentos, movimentos e intervenções de massa, mas que sempre fazem fronteiras provisórias, sem garantias, e sem demarcações *a priori* (PÊCHEUX, [1982] 2011, p. 118. Grifos do autor).

Pela citação, é possível visualizar a inquietação de Pêcheux, ao propor o deslocamento e, ao mesmo tempo, a inserção das suas reflexões teóricas em um espaço de investigações filosóficas mais largo e adensado pelas ideias de outros filósofos, com vistas a compreender criticamente outras questões, novos objetos, bem como os diversos domínios do ideológico.

Voltemos, mais um pouco, à citação para verificar que, ao sinalizar para o discurso do ordinário, das relações cotidianas, [...] “dos atos incontáveis, contraditórios, que encontram sua vida e sua voz nos campos intermediários” [...], Pêcheux ([1982] 2011, p. 118) dava sinais de que se movimentava em direção aos objetos difusos, de entremeio e, por isso, não era indiferente ao *real* paradoxal e à pulverização dos espaços de resistência dos sujeitos. Aqui, eu penso poder incluir o corpo.

Pêcheux, inclusive, pontuou [...] “a relação do corpo com a Ideologia, ao refletir sobre as falhas no ritual da interpelação ideológica” (CAVALCANTE, 2018, p. 03) e, com isso, defender que o assujeitamento falha e que o ritual dos sentidos é passível a deslizamentos, espaço para resistências.

O assujeitamento, compreendido por Pêcheux (*op. cit.*, p. 109, 115), como [...] “local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções”. Por essa sua condição, o assujeitamento [...] “se deixa apresentar esquematicamente por meio de uma série de oposições no que diz respeito às diferenças práticas na *relação dos sujeitos com seu corpo*, sua língua, seu pensamento” (Os grifos são meus). Isso posto, pretendo, ao longo das seções seguintes, verticalizar as discussões sobre como se dá o funcionamento dos sentidos de cisgeneridade e transgeneridade na/pela relação com o corpo.

2. AFROUXANDO O NÓ ENTRE CORPO, GÊNERO E DESEJO

Em vista do que tenho exposto, defendo que os sujeitos e(m) seus corpos não obedecem irrestritamente às normas pelas quais sua condição de existência é produzida. Nem sempre é possível polir e determinar o gênero pelo domínio dos sentidos socialmente convencionados aos corpos, isto é, masculinidades e feminilidades não estão natural e irrevogavelmente encorpadas ou corporificadas nos sujeitos. Sendo assim, o corpo pode ser um espaço de resistência, pois, nele, os sentidos podem ser (des)estabilizados.

Sem dúvidas, perpassa a relação dos sujeitos com sua base físico-material uma dinâmica entre o visível e o enunciável, entre o ideológico e o linguístico-discursivo, uma vez que toda forma, todo traço, todo talhe que esculpem a superfície corpórea possuem índices de sentidos. Muito a propósito, Pêcheux (1975, p. 66) visualizava esse valor de índice no objeto corpo, ao defender que [...] “a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo, no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada”.

Na direção dessas ideias, sustento que é preciso desconfiar da (im)posta ordem “natural” da vida como, por exemplo, a de que nascemos (desde sempre) homens e mulheres. É também preciso criticar a afirmação de algumas obviedades, tal como a de que o gênero é evidente, inquestionável e, por isso, nossos corpos carregam consigo essa propriedade imanente.

Na esteira dessas ponderações e nos rastros do raciocínio de Pêcheux, articulo a identificação e performatização transgênera a *algo* que, *no corpo e na cabeça*, se insurge e resiste à repetição performática dos padrões de gênero. Dizendo de outro modo, ao articular a transgeneridade aos vestígios das ideias pecheuxtianas, apresentadas acima, acredito ser possível pensar a relação tensa entre conformidade e transgressão às normas de gênero.

Butler (2006, p. 59), nesse sentido, advoga que, em sendo uma norma, o gênero também pode significar resistência, pois, ainda que seja “o mecanismo pelo quais as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, [também] poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados” (Acréscimo meu). A autora, a meu ver, pontua que a regulação do gênero, que pressupõe práticas sujeitas à necessidade de repetição do mesmo (performances tidas como “adequadas” para homens e mulheres), pode ser reaproveitada numa repetição diferencial.

Em que pese essa possibilidade de (des)regulação do gênero, do caráter provisório das fronteiras de sentidos entre o masculino e o feminino, que não se demarcam *a priori*, o corpo generificado é “diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o supliciam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos” (FOUCAULT, [1969] 1999, p. 30). Essa vontade de verdade, a meu ver, constitui a própria narrativa histórica dos corpos.

Notadamente, Foucault observa que há uma injunção a dotar essa materialidade de uma “linguagem articulada, fornecer um código explícito à ambiguidade de expressão” (COURTINE, 2013, p. 77), de modo que os espelhos não reflitam identificações fugazes, gêneros instáveis, sentidos em litígio e, assim, não tornem opaca a memória imagético-corpórea do que *são* homens e mulheres.

Por essa exposição, entendo que corpos transgêneros nem sempre têm sua existência garantida pelas regalias da “normalidade” e pelas acomodações e primazias que não usufruem no clima estável da maioria cisgênera. São corpos que ocupam o não-lugar da transitoriedade, corpos em *transe*, inquietos pelo fato de estarem atravessando fronteiras físicas e discursivas. Corpos que, ao não se enquadrarem ao binarismo macho/pênis/homem - fêmea/vagina/mulher, deixam as normas de gênero em vertigem. Ferreira Cassana (2016, p. 13) discute essa “con-fusão” de sentidos nos seguintes termos:

Muito mais do que um corpo de exclusão (não é homem, não é mulher), o sujeito transexual apresenta um corpo de transição entre um gênero e outro. Nessa transição, que foge à organização estabilizada da norma, da rigidez da estrutura, configura-se um corpo ambivalente, (in)capaz de ser significado como legítimo em nossa formação social, configurando-se como um corpo (im)possível, cujos sentidos significam justamente no entre-lugar do discurso.

Pensar, então, na constituição discursivo-corpórea das pessoas transgêneras exige o necessário esforço para considerar como o corpo está investido por sentidos, de modo que transfigure e performatize as identificações do sujeito que o anima, se (re)conhece e (se) diz como homem / mulher por meio desse invólucro material.

Numa relação tensa em que o gênero (não) se encarna e o corpo (não) materializa os sentidos sócio históricos de masculinidades / feminilidades, os sujeitos trans podem “viver alternadamente com duas identidades sociais, masculina e feminina. Ou assumir uma posição intermediária, o gênero não marcado. Ou viver plenamente no tipo de sexo [diria: gênero] oposto” (NERY, 2011, s/p. Acréscimo meu).

Com base nesses argumentos, eu considero que o corpo é uma peça do/no jogo da performatização de gênero. Como desdobramento dessas considerações, o gênero não é um *a priori*, uma essência interior ou prioridade de corpos. Ao reverso, gênero é um artefato da construção sócio ideológica, um discurso normatizador, que classifica e hierarquiza os sujeitos, à medida que os organiza segundo um conjunto de normas, ritos e expectativas sociais de desempenho.

3. IDEOLOGIA HETERORMATIVA E A INTERPRETAÇÃO DOS CORPOS PELA VIA DA CISGENERIDADE – UM GESTO DE ANÁLISE

Se o gênero, portanto, não é natural e imanente, é razoável postular a tese de que, entre corpo e gênero, existem fendas, que são preenchidas pelos sentidos sócio históricos sobre masculinidades e feminilidades. A ideologia trabalha justamente nesses desvãos, movimentando os sujeitos a se constituírem em posições-sujeito de homem / de mulher, na medida em que “tomam posição” e vão se identificando com os saberes que dizem como corresponder, pelo/no corpo, à performatização do gênero desejado.

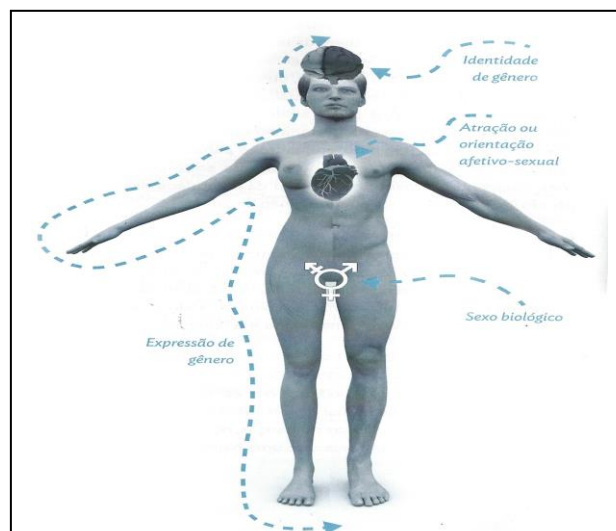
Dito isso, vou prosseguir com a discussão sobre como se materializa, pelo corpo, a ideologia heteronormativa, à medida que apaga as contradições inerentes aos trajetos de

identificação dos sujeitos com o gênero, fazendo um arranjo entre objetos que são de ordens distintas.

Estou tratando por ideologia heteronormativa um conjunto de normas de regulação e controle que têm uma função estratégica e se inscreve em uma relação de sentidos, ao incluir, em si, o que é aceito e rejeitado em uma sociedade. Estou, portanto, me referindo a um complexo arranjo de discursos, práticas e efeitos de sentidos que se produzem em corpos e em comportamentos dos sujeitos nas mais diversas expressões e vivências das relações em sociedade. Em outras palavras, estamos diante de uma tecnologia política de sentidos.

Ainda um esclarecimento: entendo que esse conjunto complexo de efeitos da sexualidade se tornam possibilidades aos sentidos na medida de sua articulação com a expectativa social de desempenho (controle e regulação) do macho-homem e da fêmea-mulher, ou seja, o imaginário de sexo biológico e gênero em sua representação naturalizada. Como se houvesse, por exemplo, uma “coerência” subjacente à genitália, em sua relação com o gênero e com o desejo, que tivesse de ser manifesta pelos sujeitos generificados. Irei fazer uso desta figura, com vistas a melhor explicar as ideias apresentadas acima.

Figura 01: Entre o corpo e o gênero



Fonte: Moreira (2017, p. 32).

Por estarmos diante de um horizonte enunciativo constituído por texto verbal e por imagem, acredito que é preciso demandar a descrição do linguístico e do imagético como parte da escuta discursiva pretendida. Vamos a ela. É possível perceber que estamos diante da representação imagética de um corpo humano cindido em duas partes: à direita, captamos

indícios morfológicos do fenótipo de um macho, ao passo que, no lado esquerdo, registramos signos corpóreos da fêmea, como seio.

A figura pode causar certa estranheza pelo fato de agrupar, em si, caracteres do macho e da fêmea. Interessante, com isso, notar como o nosso olhar se esforça por esse reconhecimento para fazer a distinção – *é homem* ou *é mulher* – e, assim, amainar a nossa inquietação diante da impossibilidade de rotular o que desconhecemos. Parece-me que, ao vermos um corpo, essa é a nossa primeira estratégia de classificação (no anseio por essa “averiguação”, fico pensando sobre como ter certeza daquilo que vemos, mas não sentimos?).

Sem dúvidas, há uma sensível e sofisticada política do olhar que se depara com o visível, dissecando-o em busca de detalhes, de indícios para, então, enxergar, pelo/no corpo, o gênero que ali se faz. Nesse sentido, eu sustento que o corpo é o tecido do gênero ou, dito de outro modo, a modalidade de existência histórico-material do gênero. Nosso percurso de leitura para uma partitura corporal segue a lógica de uma administração do olhar que se faz por meio de uma rede

cujas ligas e leis podem ser identificadas discursiva ou iconicamente por meio de um conjunto de índices corporais e exteriores, considerando formas, marcas, traços, linhas e signos. [Realizamos] um tipo de leitura da figura humana baseada na simetria e proporções corporais [...] como formas de naturalização para a composição de um corpo. Essa geometria do corpo constitui a taxionomia de uma conformação anatômica, conduzindo a um golpe de olhar que se decompõe em uma *rede de demarcações* para delinear, medir, harmonizar e classificar características básicas de uma estética da existência corporal [...] para todos nós, sujeitos se olhando e se construindo a partir dos parâmetros elencados (MILANEZ, 2011, p. 201 e 203. Grifos do autor. Acréscimo meu).

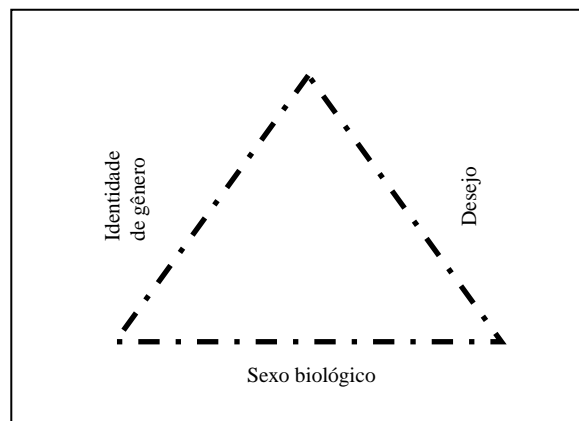
Essas ponderações me fazem pensar que, ao percorrer o corpo na procura pelo gênero, nosso olhar se depara com uma trama de fios e formas que brotam no corpo, mas sofrem, via lentes geometrificadoras da ideologia, um processo de naturalização para que, dessa maneira, se demarque o gênero. Cada forma ou cada traço do corpo humano é, assim, submetido a uma leitura, a um escrutínio do olhar que busca vestígios nessa materialidade para, então, situá-la, classificá-la como o *próprio* do homem / da mulher.

Reflexão que me remete ao que diz Orlandi (2012, p. 18) sobre o gesto de interpretação, que acontece porque o espaço do simbólico é marcado pela incompletude e [...] “a interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história”. Ato contínuo, perceba que, ao centro da figura, unindo o polo do macho e da fêmea, estão imagens que remetem a: genitais, coração e cérebro. Estão, de certa forma,

sobrepostas e interseccionando os dois polos do corpo. Essa sobreposição e intersecção abre caminhos para pensarmos sobre como, em nossa formação social, se dá o percurso de instauração de sentidos do gênero.

Veja que a linearização imagética dos órgãos (genitais, coração e cérebro) nos permite remetê-los ao circuito da ideologia heteronormativa, que enseja a correspondência inequívoca entre: ser assinalado como macho ou fêmea (pelo genital), assimilar, identificar-se como homem ou mulher (cérebro) e, assim, ter de manifestar desejo afetivo-sexual (coração) pelo sexo oposto. Estou pensando esse trajeto como uma triangulação de sentidos e, para melhor defini-la, irei me utilizar da seguinte imagem:

Figura 02: Triangulação de sentidos



Fonte: dados da pesquisa (2019).

Repare que, em sua base, está o sexo biológico, que, ao ser desnaturalizado, ou seja, inscrito no campo do simbólico, dota de sentidos não só o corpo, mas requer do sujeito generificado uma “resignação” com as práticas sociais masculinas ou femininas – o reconhecimento de si como pertencente a uma ou outra categoria (vértice da identidade de gênero) – e, ainda, para quem deve sinalizar o seu desejo.

Cada um dos três vértices da pirâmide se apoia no outro e, juntos, tangem para a uniformização dos sentidos, ao mesmo tempo em que requerem dos sujeitos uma certa (ir)racionalidade que operacionalize, sem dissonâncias, a trinca entre: genitália \leftrightarrow identidade de gênero \leftrightarrow desejo/atração afetivo-sexual. Entendo que essa engrenagem produz seus efeitos no corpo, uma vez que ele é decisivo para distinguir os sujeitos ideais dos degenerados e também para *definir quem somos e com quais podemos nos envolver*.

Explicando um pouco mais: há uma trama tão bem urdida entre gênero e corpo que naturalizamos o processo de constituição de homens / mulheres e isso acontece à medida que o gênero, que é da ordem do histórico-político, “se vale” das genitálias para sofrer um processo de naturalização. Faço essa defesa por considerar que, pela via do gênero, nos apropriamos das categorias anatômicas de macho (pênis) e fêmea (vagina) para o processo de forja das representações de masculino e feminino que se materializam no sujeito-efeito do gênero.

É possível, então, compreender os efeitos de evidência do gênero quando analisamos as “suas” estratégias de sentidos, que atuam, a um só tempo, inscrevendo o sexo biológico no campo do simbólico e estabelecendo convenções específicas para homens e mulheres. Por causa dessa prática de naturalização, gênero e genitália são tratados como objetos de uma mesma ordem. Considerando esse trajeto perfilado de sentidos, posso fazer a seguinte ilação: ser dito como macho / fêmea implica em indexar sentidos, ou seja, é preciso alinhar condutas e manifestar desejo consoantes a um ou outro gênero, em razão da (su)posta identidade genital. Em sendo assim, ao receber o predicativo de macho, por exemplo, o sujeito precisa ser inscrito no campo de saberes da masculinidade, assimilar os seus traços de sentidos (identificação), e desejar o sexo oposto (heterossexualidade compulsória).

É dessa intrincada relação que irrompem as posições-sujeito homem / mulher, ou seja, a representação de sujeitos homens e mulheres emergem a partir dos gestos de identificação desses sujeitos com os sentidos de gênero e com as performances com práticas tidas como masculinas ou femininas. Em outras palavras, o sujeito generificado mobiliza, põe em cena a “sua” expressão de gênero, ao materializar, em si, os sentidos de masculino / feminino.

Sob a guarda do mecanismo de *performatização de gênero*, estão os gestos, as marcas e expressões d/no corpo, além do comportamento, das vestimentas e demais funções socialmente convencionadas para homens / mulheres. Entendo, pois, a performatização como um desdobramento, um efeito da identidade de gênero. Por vir defendendo, ao longo dessas reflexões, o gênero não como uma causa, mas como efeito (um fazer ao invés de um modo de ser), é razoável concordar que a identidade de gênero pode se traduzir pela/na sua expressão, sua performatização, para ser mais exato.

É a encenação, a replicação de normas sociais, elaboradas pelo/no corpo, que emergem como efeitos de performances e, assim, de tão repetidas, sedimentam e sancionam padrões de conduta para homens e mulheres. Ao performatizar, isto é, ao interseccionar corpo

e(m) performance, o sujeito marca (n)o corpo como lugar material de sentidos e espaço para (se) dizer e ser reconhecido como homem / mulher.

Portanto, à medida que vai se identificando, se reconhecendo como “pertencente” ao gênero, o sujeito se filia aos sentidos de masculinidades / feminilidades e, nesse processo, performatiza uma corporalidade que dramatize a sua identificação com o gênero que professa. Com vistas a clarificar essas considerações, me reporto a Lanz (2017, p. 65), que, ancorada em Butler (1990a), explica que (se) dizer pertencente a um gênero significa performatizar como tal:

Em vez de ser tratado como uma identificação original e “natural”, que funcionou como “causa determinante” da masculinidade ou da feminilidade, o gênero deve ser visto como um conjunto de significados culturais [histórico-ideológicos] que os sujeitos são compulsoriamente obrigados a aprender durante o processo de socialização. Na prática, os conceitos e significados apreendidos e introjetados pelos indivíduos se traduzem em “performances imitativas” realizadas nas diversas situações e esferas da vida diária, dando a cada sujeito, e ao conjunto da sociedade, a ilusão de um “ser interior” generificado (Acréscimo meu).

Como podemos perceber, é fulcral nas ideias butlerianas a concepção de identidade de gênero como uma contínua imitação e (re)produção performática das normas de gênero. É essa ritualização que forja a noção de estabilidade e pertencimento aos sentidos de masculinidades e feminilidades, como também resulta nos efeitos de naturalização dos trajetos de identificação dos sujeitos com o gênero. Da relação ininterrupta entre imitação e estabilização dos sentidos, posso inferir que o chamamento (interpelação) a ser sujeito pelo/no gênero não cessa de produzir seus efeitos. Ao longo da existência, do ventre ao túmulo, terá que ser reiterado pelos sujeitos, inclusive, por meio de processos de cultivação do corpo, com o intuito de reforçar a intransitividade de *nascer* (para ser) homem / mulher.

4. UM EFEITO DE (IN)CONCLUSÃO

Em suma, o longo dessa discussão, creio ter sido possível perceber o caráter arbitrário dos condicionamentos que nos assujeitam a sentidos cisgêneros e heteronormativos, pois o circuito (aparentemente) fechado do gênero articula como pertencentes a uma mesma ordem objetos eminentemente diversos: o aspecto bio-fisiológico do genital, as identificações sócio históricas com práticas masculinas / femininas e, ainda, o campo do erotismo, do desejo.

Por fim, como efeito do amplo espectro da ideologia heteronormativa, a corporificação social das normas de gênero é mais uma amarra que – pelo/no corpo – constitui, condiciona e nos assujeita ao arbítrio do gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTE, André. “CORPO ESTRANHO”: corporeidades trans, silêncios, resistência. IN: IV Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (SEPLEV). 2018. Niterói: RJ. Anais (on-line).

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2013.

FERREIRA CASSANA, Mônica. **Corpos impossíveis: a (des)ordem e ambivalência da língua no discurso transexual** (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

KOGAWA, João. Dispositivo e corpo na análise do discurso: um trajeto de leitura. IN: SOUSA, Katia Menezes de. PAIXÃO, Humberto Pires (Org.). **Dispositivos do poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros**. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

MILANEZ, Nilton. Materialidades da paixão: sentidos para uma semiologia do corpo. IN: PIOVEZANI, Carlos. CURCINO, Luzmara. SARGENTINI, Vanice (Org.). **Discurso semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

NERY, João W. **Viagem solitária: memória de um transexual 30 anos depois**. São Paulo: Leya, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 3 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PAIXÃO, Humberto Pires. O corpo no dispositivo da moda. IN: SOUSA, Katia Menezes de. _____ (Org.). **Dispositivos do poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 4. ed. Trad. Eni Orlandi et al, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.